



- [Home](#)
- [Colaborador](#)
- [Contactos](#)
- [EF Rádio](#)
- [Cinema »](#)
- [Mundos »](#)
- [Música »](#)
- [Opinião](#)
- [TV & Media »](#)

[Home](#) » [Cinema](#) » Doclisboa'12: A reflexão como homenagem

Doclisboa'12: A reflexão como homenagem

Escrito por [Renata Curado](#) em 2012/10/19 para [Cinema](#), [Destaque](#)s, [Festivais de Cinema](#) | [0 comentários](#)

Teve ontem início a 10ª edição do *Doclisboa*. Na sessão de abertura, que esgotou, passou *A Última Vez que Vi Macau*, de **João Pedro Rodrigues** e **João Rui Guerra da Mata**. A inaugurar a secção *Riscos*, uma surpresa anunciada por **Augusto Seabra** no início da sessão: a exibição da curta-metragem *2084*, de **Chris Marker**, antes de *Age is...* de **Stephen Dwoskin**. Esta secção presta este ano homenagem a estes dois cineastas, que morreram recentemente, assim como a **Marcel Hanoun**.

2084 – 8,5/10

Curta-metragem de **Chris Marker** que de antecipatória não tem apenas o título. Feito em 1984, passados 100 anos do movimento sindicalista em França, o filme com cerca de 10 minutos, oferece mais perguntas do que respostas sobre o mundo em que vivemos, a sociedade e as imagens.

Já em 1984, o realizador conseguiu antever problemáticas com as quais lidamos hoje, relacionadas com o vídeo e, mais concretamente, com o fim da película. As imagens e o corpo fundem-se em determinados planos, quando são projectadas nos braços dos protagonistas. As formas e ideias dos anos 80, traduzem-se numa escala de cores conforme o que significam – cinzento, preto e azul – intercaladas com perguntas ao cidadão comum.

Os média, o vídeo, a política, as ideologias, a sociedade e as máquinas são transmitidos numa visão tão pessoal e que é ao mesmo tempo tão universal e actual. “*No fundo, o século XX não existiu. Ele não foi senão uma longa e interminável transição entre a barbárie e a cultura.*”, resume o robô de 2084.



Age is... 7/10

Stephen Dwoskin propõe-nos neste filme uma meditação que pode ser apropriada e subjectivada por cada um de nós sobre os conceitos de envelhecimento e a beleza nesta fase da vida.

A intimidade que marca os filmes do realizador está aqui presente nos grandes planos dos documentados e de pormenores que os caracterizam. A singularidade de cada um, em cada ruga, olhar ou movimento, é plenamente captada, assim como o tímido beijo em frente às câmaras.

O ritmo ao longo de todo o filme é lento – é lento o ritmo das pessoas, é lenta a forma como a câmara se move e é lenta também a Natureza, quer seja através do rio que corre calmamente ou das folhas que abanam devagar com a passagem de uma brisa.

Um filme que nos deixa à espera de um pouco mais mas que sem dúvida faz justiça à memória do realizador.



***Por opção da autora, este artigo foi escrito segundo as normas do Acordo Ortográfico de 1945.**

Gosto { 4

0

Tweet { 4

posts relacionados

1. [Como herdar o Paraíso?](#)
2. [Estreia: Não sei como ela Consegue](#)
3. [Uma Homenagem à Mãe](#)
4. [Eu Não Sei Como Ela Consegue](#)
5. [Homenagem a Chris Marker no Espaço Nimas](#)

